



Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 1

Linguagem, identidades e discurso: intolerância racial em grupos de ódio racial de São Paulo.

Aline Ruiz Menezes*

Resumo: Este trabalho faz parte da pesquisa de Iniciação Científica realizada no Departamento de Letras da UFOP, intitulada “Mídia e intolerância racial: análise de uma prática” que tinha como objetivo principal analisar o discurso da mídia em relação aos casos de intolerância racial protagonizados por grupos ou indivíduos no país. Além disso, mapeamos também as Delegacias Especializadas em Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI) e os contextos sociais de criação delas. Com isso, identificamos os vinte e cinco grupos intolerância catalogados pela DECRADI de São Paulo, a fim de analisar a nomeação usada por eles sob a perspectiva da interação entre linguagens, identidades e relações raciais no nosso país, bem como estabelecer a memória destes grupos. Utilizamos como aparato teórico a Análise do Discurso Crítica, a Pragmática e a literatura sobre relações raciais no Brasil para analisarmos como esses grupos se posicionam política e ideologicamente por meio dessas nomeações. Nesta pesquisa, raça é considerado não como um conceito biológico mas sim sociológico, o que nos ajuda a explicar a existência de crimes raciais em nosso país. Partilhamos da perspectiva teórica de Rajagopalan (2006) de que a problemática das identidades passa necessariamente pela língua, isto é, as identidades são construídas na linguagem e por isso é imprescindível estabelecer uma relação entre linguagens e identidades. Neste sentido, as nomeações utilizadas pelos grupos catalogados pela DECRADI geralmente estão ligadas ao combate, ao caos ou ao nazismo, o que nos leva a perceber como os sujeitos que integram estes grupos se definem e criam suas identidades por meio de tais nomeações.

Palavras-chave: nomeação, performatividade, ódio racial, discurso.

Abstract: This paper belongs to the undergraduate research “Media and racial intolerance: analyze of a practice”, made in the Languages Department of the Federal University of Ouro Preto, whose primary objective was to analyze the media discourse about racial intolerance cases perpetrated by groups or individuals at the country. Besides that, we also mapped the Racial Crimes and Intolerance Offences Specialized Police Stations (DECRADI) and the social contexts of their creation. Thereby, we identified the twenty five intolerance groups cataloged by São Paulo’s DECRADI in order to analyze the nomination used by them under the perspective of the interaction between languages, identities and racial relations at our country, as well as to stabilize the memory of the groups. We utilized as theoretical basis the Critical Discourse Analyses, the Pragmatic and the literature about racial relations in Brazil to analyze how these groups position themselves politically and ideologically thru their nominations. In this research, race is considered not as a biologic concept but as a sociological one, which helps us to explain the existence of racial crimes at our country. We share Rajagopalan’s (2006) theoretical perspective that the problematics of identities necessarily passes through the language, i.e., the identities are constructed in the language and for that reason it is essential to establish a relation between

* Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto.

languages and identities. In this sense, the nominations used by the groups cataloged by DECRADI are usually linked to combat, chaos or Nazism, which leads us to understand how the subjects that integrate these groups define themselves and create their identities through such nominations.

Keywords: nomination, performativity, racial hate, discourse.

1. Introdução

O que parecia distante da população brasileira passou a estampar jornais e revistas. Grupos até então com pouca proeminência na sociedade passam a protagonizar atos extremos de violência em grandes cidades, como São Paulo. Os conhecidos e temidos *skinheads* ganham seu espaço na grande mídia e são postos em um mesmo conjunto, normalmente, associados a facções neonazistas e brutais.

Este trabalho faz parte da pesquisa de Iniciação Científica, realizada dentro do Departamento de Letras da UFOP, intitulada “Mídia e intolerância racial: análise de uma prática”, que tem como objetivo principal analisar o discurso da mídia em relação aos casos de intolerância racial protagonizados por grupos ou indivíduos no país. Para este trabalho, temos como objetivo apresentar os principais grupos de intolerância atuantes na cidade de São Paulo e, a partir de suas autodenominações, expor a forma como eles se inserem e se projetam na sociedade. Os dados foram coletados em 2012, na Delegacia Especializada em Crimes Raciais e Delitos de Intolerância de São Paulo, única delegacia especializada do país.

2. Fundamentação teórica

2.1. Discurso e performatividade

Partilhamos da perspectiva teórica de Rajagopalan (2006) de que a problemática das identidades passa necessariamente pela língua, isto é, as identidades são construídas na linguagem e devido a isso é imprescindível estabelecer uma relação entre linguagens e identidades. Dessa forma, utilizaremos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Pragmática para analisarmos as nomeações empregadas pelos grupos. ADC que tem como perspectiva o discurso não como “objeto verbal autônomo, mas como prática social, cultural, histórica e política” (FAIRCLOUGH, 2001). Dessa forma,

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e lhe são

[2/13]

subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Ou seja, o discurso é uma forma de agir sobre o mundo e sobre o Outro e quando adicionamos a discussão sobre identidades e, mais especificamente, as questões raciais que permeiam as relações sociais no Brasil.

A linguagem é por si só performativa, ou seja, “aquela expressão linguística que não consiste, ou não consiste apenas, em dizer algo, mas em fazer algo, não sendo um relato, verdadeiro ou falso, sobre alguma coisa”. (AUSTIN, 1990, p. 38). Entende-se a linguagem como forma de ação (*quando dizer é fazer*) e sobre a forma como os indivíduos cometem ações distintas através da linguagem.

Ao tratarmos de indivíduos, como os que integram os grupos de intolerância, além da subjetividade também devemos considerar a forma como seus corpos se expressam performaticamente. Pinto (2007, p. 11) aponta que “a presença material simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito linguístico. Uma ameaça que se materializa pelo enunciado performativo que a opera, mas também pelo efeito do movimento do corpo que executa o enunciado” e salienta que não há uma dicotomia corpo/linguagem, muito pelo contrário, o ato de fala é “operado ao mesmo tempo pelo que é dito, pelo quem diz e pelo como é dito – como o corpo diz, como o enunciado diz”. Sendo assim, o ato de fala necessita do corpo para que se possa estabelecer uma relação entre linguagem e corpo.

2.2. O surgimento dos grupos

Os primeiros grupos de *skinheads* surgiram no final dos anos 1960, na Inglaterra, a partir de outro movimento denominado *mods*¹. Tinham o intuito de ser um ato de rebeldia dos jovens da classe operária inglesa perante a crise econômica e social vivenciada pelo país, perante o surgimento de novas tecnologias, perante a onda de desemprego e perante a inserção das minorias étnicas. Essas minorias trabalhavam por necessidade, a salários menores, que não correspondiam com os tetos salariais vigentes na época.

No Brasil, as influências do punk e, em menor escala, dos *skinheads*, começam a aparecer em 1977 através de discos, revistas especializadas, jornais, entre outros meios de comunicação.

¹ Abreviação de “modernists”, o movimento era composto por jovens que gostavam de lambretas, música negra norte-americana e jamaicana e vestiam-se elegantemente.

Muito do que foi veiculado pela imprensa da época se baseava em conceitos preconcebidos sobre esses dois movimentos.

A organização dos dois grupos no país se deu ao final do Regime Militar, momento em que houve um crescimento do país através de investimentos em planos políticos e econômicos, o que ficou conhecido como “milagre brasileiro”, isso possibilitou que o Brasil atingisse diversos êxitos industriais e econômicos entre 1968 e 1973.

França (2008) aponta que “o período de forte crise do Regime Militar chamado “distensão”, anos 1978 e 1979, marcou o início do clima de *frustração* e insatisfação dos segmentos sociais diante do período de profunda crise econômica e social brasileira.” (p. 5152), o que culminou em greves do setor metalúrgico e de professores, trabalhadores que reivindicavam reajustes salariais, porque os índices de inflação não acompanhavam seus salários.

Por volta de 1981 e 1983, na região da Zona Leste da cidade de São Paulo e no ABC paulista, consideradas os principais polos industriais de São Paulo, surgiram as primeiras manifestações dos “Carecas do Subúrbio”, grupo composto por jovens que faziam parte do operariado paulista e que estavam descrentes com a situação dos trabalhadores. Dentro desse contexto sócio-histórico surgem

vários segmentos sociais que buscavam alguma instituição política ou social que os oferecesse certa segurança ou, então, tentavam se aglutinar em segmentos sociais que os proporcionasse o fortalecimento das suas identidades próprias ou das novas formas identitárias como reação diante do cenário urbano conflituoso emergido como produto da problemática crise sócio/econômico. (FRANÇA, 2008, p. 52-53).

A Grande São Paulo passa a ser palco de conflitos cotidianos entre os grupos identitários, compostos por jovens que, a partir de suas constituições físicas, bem como do uso de imagens e símbolos, demonstravam a forma como queriam ser vistos e distanciados daqueles que consideravam inimigos.

O punk chegou ao Brasil no final da década de 1970, quase que simultaneamente com a explosão mundial da cidade São Paulo. Bivar (2001) aponta que os jovens da época sabiam que “o futuro não [era] nada promissor, tanto para eles como para seus semelhantes, tão pobres e oprimidos quanto eles.” (p. 95), por isso precisavam ir às ruas e mostrar que algo não estava certo e que carecia de mudanças.

No entanto, o movimento apenas se consolidou e ganhou força na década de 1980, quando o Brasil dava os primeiros passos no processo de redemocratização, devido à abertura política e a sanção da anistia aos exilados políticos, mas ainda sofria com a censura e com a

[4/13]

repressão clandestina do regime. Diante desse cenário, o movimento punk foi crescendo naturalmente nos subúrbios de São Paulo e foi nesta época que surgiram bandas que influenciam até hoje o panorama punk brasileiro, como Cólera, Inocentes e Olho Seco. Na mesma época, aconteceu também a realização do festival “Começo do Fim do Mundo”, considerado o primeiro grande evento de punk realizado no Brasil e que obteve ampla cobertura da imprensa.

Segundo França (2008, p. 55) “o punk encontrou um terreno fecundo nos subúrbios da grande São Paulo, onde a violência e a ausência de perspectivas dos jovens fizeram com que se aproximassem de padrões sociais não aceitos pelos costumes tradicionais da sociedade brasileira”, aproximando-se das ideias dos jovens ingleses que haviam inaugurado o punk na Europa.

Entretanto, o movimento punk encontrou diversas objeções nos segmentos populares e nas representações feitas pela grande mídia, uma vez que seus integrantes eram considerados sujeitos desordeiros, que não estavam preocupados com os problemas sociais que o Brasil enfrentava. Havia uma divisão entre os punks em São Paulo: os que circulavam na região metropolitana eram denominados de “punks da city” e os que viviam na Zona Leste e no ABC eram chamados de “punks do subúrbio”, os primeiros defendiam a construção de um movimento de revolta contra o Estado e o sistema capitalista através do anarquismo, enquanto os segundos defendiam uma postura mais agressiva perante os segmentos sociais burgueses da época. Esses grupos protagonizaram momentos de conflitos intensos por apresentarem formas diferentes de pensar o mundo e o que estava acontecendo na época.

Devemos destacar como outro ponto distinto entre os punks e os *skinheads*, que são as suas indumentárias, fator essencial na construção das identidades destes grupos. Os punks surgiram com um visual desleixado, que procurava de alguma maneira afrontar a sociedade, fosse com as suas roupas rasgadas e cheias de tachas ou com os seus cabelos coloridos com cores extravagantes e cortados aos tufos ou moicanos, que representava “uma manifestação de desdém contra a conformidade passiva da geração de seus pais. Através da música, roupa, maquiagem, estilo de cabelo e símbolos, os descontentes davam vazão aos sentimentos reprimidos pelo sistema.” (HOCKENOS, 1995, p. 93). Já os *skinheads* assumiam um visual mais antisséptico, com suas cabeças raspadas, calças jeans ou camufladas arregaçadas até a canela, de maneira que os coturnos militares ficassem à mostra, jaquetas de aviador e, normalmente, eram mais musculosos que os punks.

Entre os conflitos e o caos que se formava em São Paulo e internamente no grupo “Carecas do Subúrbio”, surge outro grupo de linhagem integralista, denominado “Carecas do ABC” que, de acordo com Grande (2001, p. 110), “acreditam na tríade Deus, Pátria e Família entrando em evidência a questão do catolicismo, e odeiam os comunistas, os homossexuais, os drogados e judeus pertencentes ao sionismo”, mesmo a Ação Integralista Brasileira (AIB) como partido político tenha sido reprimida oficialmente durante o Estado Novo, sua militância perdurou aos desdobramentos do Pós-Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, aqueles jovens que tinham interesses políticos e queriam discutir maneiras de se criar um Estado que finalmente trouxesse para aquela geração alguma esperança, encontraram escopo no Integralismo e passaram a integrar o Carecas do Subúrbio. Outro grupo que se formou a partir de dissidentes dos Carecas do Subúrbio foi o *White Power São Paulo* (Poder Branco Paulista), que se autodefine como um grupo de jovens *skinheads* descendentes de europeus, adeptos do Nacional Socialismo e que tem como principal bandeira de combate a proteção do “sangue branco”, são contra a miscigenação e a favor da separação do Estado de São Paulo e da região Sul do Brasil², repudiam os judeus, vistos como mentores de uma conspiração para dominar o mundo.

Tanto os Carecas do Subúrbio quanto os do ABC continuaram a defender a união das forças a favor do Brasil, mantiveram atitudes antirracistas e defensoras da classe trabalhadora, o que os opunha claramente ao Poder Branco. Essas “posturas ideológicas opostas deram margem a casos de agressão entre os *Carecas* e o *Poder Branco*, algo incompreensível para um leigo que generaliza todos os grupos como um só.” (ALMEIDA, 2004, p. 103).

Surgem no Brasil, no começo da década de 1990, grupos de *skinheads* com posicionamentos de extrema esquerda ou ultraesquerda, como o R.A.S.H, abreviação para *Red and anarchist skinheads* (Vermelhos e anarquistas *skinheads*), formado por indivíduos ligados ao anarquismo e ao comunismo, que se posicionam contra o fascismo, o neonazismo e qualquer outro tipo de preconceito, como o racismo e a homofobia. Esse grupo surgiu primeiramente em Nova York, nos Estados Unidos, e posteriormente em outros países como a França e o Brasil.

Outro grupo que segue a mesma linha ideológica é o S.H.A.R.P., abreviação para

² De acordo com Almeida (2004), o argumento utilizado pelo grupo para incluir os três estados sulistas (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) a essa nova pátria, juntamente com São Paulo, é por esses estados possuírem uma grande quantidade de indivíduos brancos.

Skinheads against racial prejudice (*Skinheads* contra o preconceito racial), que surgiu em Minneapolis, Estados Unidos, e deu origem ao projeto *Anti-Racist Action* (ação antirracista), para unir *skinheads* na luta contra o racismo e a xenofobia. Os indivíduos que compõem esse grupo compartilham de uma visão patriota, pregam a distância da cultura *skinhead* dos partidos políticos e de organizações políticas, sejam de direita ou esquerda, são positivamente antirracistas. No Brasil, o S.H.A.R.P., mesmo que apartidário, congrega membros com ideias anarquistas, comunistas, etc., entretanto, todos são antirracistas e antifascistas. No país, o grupo prefere não ser visto como patriota, por acreditar que o patriotismo está claramente ligado ao nacionalismo, algo que o grupo repudia.

3. Metodologia

Para esta pesquisa, a primeira parte do levantamento bibliográfico, que concerne à literatura sobre questões raciais, foi realizada na biblioteca pessoal da orientadora, pois na biblioteca da Universidade não há materiais relacionados à temática. A segunda parte do levantamento diz respeito à história de formação e consolidação dos grupos de intolerância foi realizada em blogs e redes sociais, com o intuito de pesquisarmos quem são esses sujeitos, e em livros especializados.

Para a coleta dos dados, fomos à Delegacia Especializada em Crimes Raciais e Delitos de Intolerância de São Paulo, apresentamo-nos e entregamos uma carta com os objetivos do projeto e a importância da coleta dos dados. A princípio não foi possível que pesquisássemos nos arquivos, posteriormente, após inúmeros contatos via telefone, fax e e-mail um dos investigadores da Decradi, enviou-nos a relação dos grupos de intolerância já identificados. Ao total são 25 grupos, separados em 5 categorias e é a partir desta separação estabelecida pela delegacia que nos baseamos para as análises.

4. Análise das nomeações

4.1. Neonazistas

- White Power São Paulo

Grupo atuante em São Paulo com vertentes em outros estados, especialmente no Sul do país. De acordo com a Decradi é composto por sujeitos racistas, antissemitas, homofóbicos e que andam organizados em gangues.

- Impacto Hooligan

Um dos grupos mais atuantes na cidade, acusado de jogar uma bomba na Parada Gay de 2009. O líder do grupo, Guilherme Witiuk Ferreira de Carvalho, conhecido como Chuck foi preso e condenado por formação de quadrilha e tentativa de homicídio. Para a língua portuguesa *hooligan* pode ser traduzido como “vândalo” e refere-se a um sujeito com comportamentos destrutivos e desregrados, normalmente, esta expressão é utilizada para se referir ao comportamento desordeiro dos torcedores de futebol.

- Front 88

Grupo atuante na capital paulista e na cidade de Osasco. A nomeação faz alusão aos fronts de combate alemão durante a Segunda Guerra Mundial e a menção ao número 8, se refere à 8ª letra do alfabeto, H, formando assim a saudação Heil Hitler.

- Falange Skin

Em termos militares, falange é uma formação retangular de infantaria, tipicamente de lanceiros. Os soldados, ou falangistas, compunham uma fila com as lanças projetadas para frente, de modo que seria impossível para o inimigo, atacar qualquer soldado da formação sem ser perfurado por uma lança. Dessa forma, a nomeação remete a um grupo de enfrentamento, no caso, que leva a cor da pele (skin) como motivo para suas ações.

- White Skin

Em tradução livre para o português, o grupo seria nomeado como “Pele branca”, assim como o grupo White Power, este grupo acredita na superioridade biológica da raça branca.

- Impérium

Menção ao livro lançado por Francis Parker Yockey em 1948, que defendia um caminho totalitário, baseado em critérios raciais, para preservação da cultura ocidental.

- Manicômio

Gangue formada na década de 1990 sem registros na internet ou em outro meio de comunicação.

- Nazi (independente)

São sujeitos independentes de grupos, mas que já produziram algum ato de vandalismo ou danos criminais com fundo neonazista.

4.2. Nacionalistas

- Carecas do Subúrbio

Grupo precursor no país do movimento *skinhead*. Sobre o grupo nas redes sociais, encontramos um grupo fechado com 624 membros. O número 32 presente no brasão do grupo representa respectivamente a 3ª letra do alfabeto “C” e a 2ª letra “B”, contemplando a sigla CB (Carecas do Brasil).

- Resistência Nacionalista

De acordo com entrevista dada ao site IG³, por seu líder “Vulto”, a intenção do grupo Resistência Nacionalista é expandir as ideias do nacionalismo para o restante do país, com o intuito de criar um novo partido nacional, conversador e de extrema-direita no Brasil e diz que “[eles] acreditam na violência como forma de combate”. No último acesso, a página do grupo no Facebook possuía 3.259 fãs.

- Avante Oi!

Segundo o Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa, a palavra “avante” quando considerada como interjeição “exprime incitamento para que se vá adiante, para que se prossiga”. A expressão Oi! diz respeito ao estilo musical muito ouvido por skinheads e punks em todo o mundo.

4.3. Anarquistas e anarco punks

³ Disponível em

<http://tvig.ig.com.br/noticias/politica/exclusivo+lider+de+grupo+de+skinheads+fala+sobre+o+movimento8a4980263195f685013297df9aa74b8e.html>

- Skin S.H.A.R.P.

Como já dito, um dos grupos de maior atuação na cidade com propósitos antifascistas, anti-homofóbicos e antirracistas.

- Skin R.A.S.H

Grupo anarquista, com posicionamento declaradamente contra o fascismo e o neonazismo e qualquer outro tipo de preconceito, como o racismo e a homofobia.

- Antifas

São sujeitos antifascistas, que não pertencem a nenhum grupo, mas que combatem os declaradamente neonazistas.

- Punks (independentes)

Assim como existem sujeitos neonazistas independentes, também existem os punks, que não se filiam a um grupo.

- Anarco punks

É uma vertente do punk em que seus adeptos seguem uma política anarquista por meio de bandas, fanzines e atividades ligadas a questões como os direitos dos animais, o antirracismo, a anti-homofobia, o feminismo, o meio ambiente, o antimilitarismo e a antiglobalização.

- Street punks

Também conhecido como Oi!, engloba punks e skinheads de caráter apolítico, porém antirracista. No Brasil, especialmente em São Paulo, a questão do street punk é complexa, pois a maioria dos sujeitos que se enquadra nesse grupo está mais ligada a grupos intolerantes.

- Skatistas

Composto por jovens que andam de skate pela cidade e já foram autuados por algum dano ou vandalismo.

4.4. Integralistas

- Avante Oi!

Vertente integralista do mesmo grupo considerado nacionalista anteriormente.

- **Bandeirantes**

Os bandeirantes mais famosos da nossa história nasceram no que atualmente é o estado de São Paulo e foram responsáveis pela conquista do interior e pela extensão dos limites de fronteira do Brasil para além dos limites do Tratado de Tordesilhas.

- **Carecas do ABC**

Grupo atuante na região do ABC paulista, que compreende as cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano.

4.5. Não ideológicos

Nesta categoria, a Decradi cataloga cinco grupos, que são: Devastação punk, Desordem punk, Vício punk, Kaos punk e SP punk. Diante de nossas análises, é praticamente impossível pensarmos que esses grupos são não ideológicos perante essas nomeações, já que a carga semântica das nomeações remete diretamente à desordem e ao caos.

Em reportagem feita pela Folha de São Paulo, no dia 04/10/2011 com o título “Aumentam conflitos entre punks e skinheads em São Paulo”, há uma abordagem às nomeações utilizadas pelos grupos, salientamos as seguintes informações distribuídas pelo jornal:

Devastação Punk

Teria como inspiração o filme "Laranja Mecânica", de Stanley Kubrick. Atua em regiões do centro.

Desordem Punk

O grupo é contrário a judeus e gays. Seus integrantes vivem principalmente na zona leste.

Vício Punk

São homofóbicos e têm como inimigos os skinheads. Atuam no centro da cidade.

Diante dessas informações, torna-se evidente que pensarmos esses grupos como não ideológicos não faz sentido, pois eles possuem uma carga ideológica essencialmente marcada, tanto em suas nomeações quanto em suas convicções políticas.

5. Considerações finais

No Brasil há apenas uma Delegacia Especializada em Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, em São Paulo, apesar do número crescente de ocorrências envolvendo crimes desta ordem e com a existência de Leis que os definem, o que demonstra a dificuldade em trazer a discussão racial para todos os âmbitos de nossa sociedade.

Os grupos apresentados se definem a partir de suas nomeações, pois “nomear e ser nomeado é assim uma forma de conferir e constituir existência, subjetividade, identidade a um Outro” (MUNIZ, 2009, p. 29). A identidade conferida a cada indivíduo parte de suas nomeações, tanto como forma de diferenciação quanto como forma de aproximação, aqueles que se enquadram como neonazistas, não gostam de ser vistos ou chamados de antifascistas, o mesmo acontece ao contrário. Os grupos que se consideram apolíticos ou que não se autointitulam como ganguistas, normalmente estão ligados a questões ideológicas fortíssimas como causas nacionalistas ou anti-imperialistas.

Dentro de nossas análises percebemos a necessidade de incluirmos o discurso também como instrumento de violência e intolerância e diante disso estabelecer novos alicerces para as discussões raciais no Brasil.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. *Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado, 2004.

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. Trad. Danilo Marcondes.

BIVAR, Antonio. *O que é o punk*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília, Editora UnB, 2001.

FRANÇA, Carlos Eduardo. *O linchamento de Edson Neris da Silva: reelaborações identitárias dos skinheads “carecas do Brasil” na sociedade contemporânea*. Marília: UNESP, dissertação de mestrado, 2008.

GRANDE, S. V. de L. *Violência urbana e juventude em São Paulo: um estudo de caso sobre os skinheads*. Araraquara: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2001.

HOCKENOS, Paul. *Livres para odiar - neonazistas: ameaça e poder*. São Paulo: Scritta, 1995.

MUNIZ, Kassandra da Silva. *Linguagem e identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil*. Campinas: Unicamp, tese de doutorado, 2009.

[12/13]

Linguagem, identidades e discurso: intolerância racial em grupos de ódio racial de São Paulo. • MENEZES, Aline Ruiz. MUNIZ, Kassandra da Silva.

PINTO, Joana Plaza. *Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades*. D.E.L.T.A., v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Pós-modernidade e a política de identidade. In: (orgs. RAJAGOPALAN, K ; FERREIRA, D. M. M. *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.